



Digitized by the Internet Archive
in 2015

<https://archive.org/details/citania00hubn>

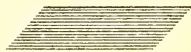


ARCHEOLOGIA ARTISTICA

N.º 5

TIRAGEM, 150 EXEMPLARES (1)

N.º



- N.º 1 — LUIZA TODI.
N.º 2 — A IMPRENSA PORTUGUEZA NO SECULO
XVI. (*Ordenações do Reino.*)
N.º 3 — ENSAIO CRITICO SOBRE O CATALOGO
D'EL-REY D. JOAO IV.
N.º 4 — ALBRECHT DÜRER E A SUA INFLUENCIA
NA PENINSULA.
N.º 5 — CITANIA.
N.º 6 — FRANCISCO DE HOLLANDA. (a sahir)
a) Da fabrica que fallece á cidade de Lisboa.
b) Da sciencia do Desenho.

(Edição critica, segundo o autographo de 1571.)

(1) A tiragem do fasc. n.º 4 foi de 100 e não de 200 ex., como se lê na respectiva edição. O actual fasc. n.º 5 é, *por excepção*, de 150 ex. O fasc. n.º 6 será de 100 ex., tiragem que foi fixada desde o n.º 4.

CITANIA

FOR

EMILIO HÜBNER

PROFESSOR DA UNIVERSIDADE DE BERLIM

TRADUCÇÃO

DE

J. DE V.



PORTO

IMPRESA LITTERARIO-COMMERCIAL

MDCCCLXXIX

Á ultima hora (25 de janeiro) recebemos do fnr. Prof. Hübner: *Ad-
ditamenta ad corporis*, vol. II (ins. 1-32). É principalmente a exploração
do codice F. 138 da Bibliotheca publica de Dresden:

*Del viaggio (1571) fatto dal Ill.^{mo} e R.^{mo} Card. Alessandrino legato
apostolico alli serenissimi rè di Francia, Spagna e Portogallo, con le
annotationi delle cose più principali delle città, terre e luoghi*, descritto da
M. Gio Battista Venturino da Fabriano. Raczynski já se referiu a este *ms.*
(*Les arts*, pag. 330) de que existe copia na Bibl. Real d'Ajuda na grande
collecção de documentos (*Symmicta lusit.*) relativos á historia de Portu-
gal que D. João V mandou copiar das bibliothecas de Roma. É possível
que a outra viagem: *Commentario per Italia, Francia, Spagna e Porto-
gallo, ovvero relazione del viaggio (1581)* do embaixador veneziano Lip-
pomani contenha tambem noticias de inscrições ineditas. (V. adiante
pag. II, nota 2).

O autor do trabalho que damos hoje traduzido não carece já de apresentação. Os poucos que não vivem dentro da península limitados ás quatro paredes de um qualquer gabinete de estudo, sabem que desde a apresentação official d'esse sabio ao publico portuguez pela Academia Real das Sciencias de Lisboa elle não tem deixado de dedicar sempre ás antiguidades da península o interesse que nasce do amor á sciencia e da sympathia pelas terras de Hespanha e Portugal que elle recommendava ainda ha dias (1) como campo de exploração aos jovens sabios do feu paiz.

Ora nas publicações rigorosamente scientificas (*Ephemervis epigraphica*), ora nas revistas litterarias de primeira ordem (*Deutsche Rundschau*), ora nos orgãos mais autorisados da critica allemã (*Jenaer Litteraturzeitung*), tem o snr. Prof. Hübner provado que não se esquece de nós. Não poderão dizer o mesmo, entre nós, aquelles que estando em relação immediata com elle e com a sciencia tinham obrigação rigorosa de informar a minoria illustrada dos passos da sciencia estrangeira no dominio das tradições nacionaes. De 1871 para cá (2) é este o primeiro trabalho do snr. Prof. Hübner, que sahe em Portugal, em lingua portugueza, comtudo n'esses fete a oito annos o autor não parou nos feus estudos sobre a archeologia da península. Não é culpa d'elle se o publico portuguez o ignora, porque elle não podia presumir que

(1) *Litteraturzeitung* de Jena, 1877; artigo n.º 397.

(2) E' a data da publicação das *Noticias archeologicas de Portugal* feita por ordem da Academia. Em 1862 já o snr. Prof. Hübner havia publicado as suas primeiras noticias das antiguidades de Portugal. *Die antiken Bildwerke in Madrid*. Berlin, 1862. 8.º pag. 328-338.

a Academia Real das Sciencias, sob cuja egide fe traduziu o feu primeiro trabalho, deixaffe correr ainda hoje com sello official erros que o autor corrigiu já ha annos. As *Noticias archeologicas* estão esperando por uma serie de emendas que augmentam com os annos; isto devia faber-se (1). O snr. Prof. Hübner pede, portanto, aos nossos archeologos que queiram recorrer sempre ao *Corpus* (2), aliás teremos uma accumulacão successiva de erros por conta das *Noticias* (cujo editor responsavel é hoje a Academia) e por conta dos que pre-

(1) O snr. Prof. Hübner fez tudo quando pôde para resolver o fallecido Soromenho a fazer os additamentos necessarios ás *Noticias archeologicas*, a fim de pôr o leitor portuguez ao facto das substituições e emendas ao *Corpus* e de lhe apresentar outras novidades relativas a Portugal, umas ineditas, outras espalhadas por varios escriptos do autor allemão. Soromenho, apesar de instado repetidas vezes, durante varios annos nunca quiz sujeitar-se a este trabalho.

(2) É o segundo vol. d'esta grande collecção o que diz respeito á península:

Inscriptiones Hispaniæ latinæ consilio et auctoritate academiæ litterarum regiæ borvssicæ edidit Æmilivs Hübner. Berolini apud Georgivm Reimervm. MDCCCLXIX fol. de LVI-780 e 48 pag. com 2 mappas geographicos. E:

Inscriptiones Hispaniæ christianæ edidit Æmilivs Hübner. Berolini id. MDCCCLXXI. 4.^o gr. de xvi — 120 pap. e um mappa geogr.

Dizendo-se que a primeira obra contem 5132 inscrições e a segunda 397 (104 *falsæ vel suspectæ*) e que uma parte não pequena pertence á antiga Lusitania, terá o leitor comprehendido a importancia das obras. Já não contamos aqui os supplementos posteriores:

Additamenta ad titulos hispanos; 17 pag. (ins. 301-325).

Additamenta ad corporis volumen II; 22 pag. (ins. 1-52).

Lex coloniæ ivliæ genetiivæ vrbanoꝝ sive vronis data A. V. C. DCCX.
De 46 pag. E:

Id. (denovo recognita). De 12 pag.

Id. (fragmenta nova). De 26 pag. e 2 tab.

Estes tres trabalhos dos snrs. Prof. E. Hübner e Th. Mommsen foram dados em supplemento ao vol. II do *Corpus* das inscrições latinas da Academia de Berlim na publicação *Ephemeris epigraphica* cujo editor é o *Instituto archeologico* de Roma; vende-se tambem em Berlim, Reimer. Constituem ellas (a-b-c) a exploração scientifica das taboas de bronze de Ofuna descobertas de 1870-1871. (*Los bronces de Ofuna* que publica Manoel Rodrigues de Berlanga. Malacæ MDCCCLXXIII. (De 256 pag.); este achado completa o anterior das taboas de Malaga e de Salpensa (1851). Vide ainda o estudo do snr. Hübner sobre a taboa de bronze de Aljustrel: *Römische Bergwerksverwaltung* na *Rundschau* de 1877, 3.^o anno, pag. 196-213, e compare-se com o folheto de Soromenho.

tendem corrigir as *Noticias* sem terem estudado o *Corpus*. Feitas estas observações necessárias para a justa apreciação das intenções do autor entremos no assumpto.

O presente estudo deveria ter sahido á luz em fins do anno passado se uma viagem comprehendida em Outubro, Novembro e Dezembro não nos tivesse obrigado a suspender os trabalhos da imprensa. Comtudo, crêmos que chega ainda muito a tempo, porque o *Relatorio official* da expedição a Citania (1876) ainda virá depois de nós. Dos expedicionarios fallaram apenas os snrs. Manoel Maria Rodrigues (*Commercio do Porto*), e Luciano Cordeiro (1) (*Commercio portuguez*); os restantes seis ou sete emmudeceram, e d'estes, dois: A. Soromenho e o Marquez de Souza-Holstein para sempre. O snr. J. N. da Silva fallou da *pedra formosa* no *Boletim da Real associação dos architectos e archeologos portuguezes*. Recordamo-nos ainda de uma curta discussão pessoal que se levantou na imprensa logo depois da conferencia entre os snrs. Pereira Caldas e A. F. Simões e que veio á luz na *Actualidade*. Isto é tudo. Os snrs. Delgado, Teixeira de Aragão, A. F. Simões, Pereira Caldas, Gabriel Pereira, pessoas que se teem occupado mais ou menos com questões archeologicas estão ainda em divida para com a sciencia, para com o paiz, e para com o snr. Martins Sarmiento (2). A acceitação do convite envolvia, tacitamente, a obrigação de contribuir para o tra-

(1) O snr. Luciano Cordeiro fallou ainda de *Citania* na revista hespanhola la *Acadèmia*, sob o titulo: *Uma cidade iberica*; a redacção, publicando depois as gravuras, em separado, emendou: *Una ciudad celtica* entre dois??

(2) A mesma responsabilidade cabe aos dois expedicionarios que falleceram: A. Soromenho e Marquez de Souza. O primeiro morreu a 9 de janeiro de 1878; o segundo em outubro. A visita a Citania foi em junho de 1876. Não contamos um artigo do segundo no *Jornal da Manhã*, escripto antes da conferencia e em tempo em que os trabalhos estavam ainda muito atrazados. Vide adiante, pag. 15 n. 3.

Julgamos haver lido algures que o snr. Simões chegára a remetter o seu parecer para o *Relatorio official* ao snr. Luciano Cordeiro, o qual estaria n'este caso incumbido de receber as communicações dos expedicionarios. Temos a quasi certeza de haver lido esta noticia n'um jornal cujo nome não nos occorre. O snr. Luciano Cordeiro communicou-nos

balho commum intellectual (1); era a maneira mais eloquente de agradecer a hospitalidade concedida e de faldar, perante a sciencia, a divida contrahida com um cultor d'ella. A maioria dos expedicionarios não o entendeu assim. Bastante tempo antes da conferencia foi distribuido aos expedicionarios um *Questionario* extenso (20-30 pontos, do snr. Pereira Caldas, segundo crêmos). Os deveres de cada um estavam pois marcados quasi que officialmente; de resto, o snr. Martins Sarmiento convocou os archeologos para que elles o ajudassem a deffazer as trevas em que o problema estava envolvido. No entanto faltou-se por cima do *Questionario* e por cima dos defejos, claramente formulados, do snr. Martins Sarmiento com uma semcerimonia inqualificavel.

Resta-nos tratar dos poucos que contribuíram para a discussão. Não feremos nós o juiz dos trabalhos dos snrs. Manoel Maria Rodrigues e Luciano Cordeiro. O snr. Prof. Hübner faz-lhes justiça e trata-os a ambos com imparcialidade e benevolencia; não podemos nem temos direito a ser mais fevero, por isso nos abstivemos de todo o commentario; a critica do snr. Hübner fallará por si e por nós.

Temos ainda a dizer que a revista do Porto *A Renascença* (2) reproduziu as gravuras de Citania já publicadas pela *Academia* de Madrid com a mesma numeração. Isto dispensa-nos de as repetirmos aqui. O leitor terá de recorrer a ellas para a intelligencia d'este trabalho.

J. de V.

em carta particular certos factos tendentes a explicar a falta do apparecimento do *Relatorio official*. Não podemos tomar aqui conta das suas explicações, porque se as trouxessemos a publico (cousa para que não fomos autorisado) teriamos de expôr os lados acceitaveis e inacceitaveis d'essas explicações, com egual franqueza.

(1) O baptisarem a *Associação archeologica* (a séde é em Guimarães) com o nome do snr. dr. Martins Sarmiento foi uma ideia tão feliz, como foi infeliz o modo como a deixaram cahir no olvido passados poucos mezes.

(2) No numero II-III pag. 44 e 45. Infelizmente, as linhas explicativas do snr. Joaquim d'Araujo que acompanham as estampas, contem varias inexactidões.

CITANIA

Na região mais formosa do Norte de Portugal, que se chama na divisão antiga provincia de Entre Douro e Minho, parecem os antigos emigrantes celticos da península iberica, os *Callaicos*, terem estabelecido suas vivendas, escolhendo de preferencia os fertes e umbrosos valles e collinas que se estendem entre o *Durius* e o *Minius*, e desenvolvendo allí uma certa actividade que deu em resultado um grau comparativamente elevado de solida abastança. A região é de area limitada; ao sul prolonga-se uma faixa de terra, o chamado litoral, a unica parte que teve no tempo dos romanos um cultivo rafoavel. A leste levanta-se a Serra da Estrella, fria e agreste, interpondo uma barreira á civilização; ao norte toma o paiz um novo aspecto e para alem de Vigo levanta-se um planalto, pedregoso, aberto aos ventos, que constitue um caracter peculiar aos arredores de La Coruña e de Santiago, a cidade das celebres romarias. Na região para alem dos montes (provincia de Traz-os Montes) onde a vinha (plantada, de

resto, fô no século XIII) (1) desaparece, desaparece também, desde antiga data, a riqueza e a população; em alguns poucos valles agazalhados, em parte dotados de nascentes de aguas mineraes e por isso escolhidos por serem logares consagrados ao culto gentilico, conservou-se uma obscura tradição da epoca romana e pre-romana. Mas tanto mais bem aproveitada foi a pequena região a que alludimos. Cidades e aldeias, thermas e villas cobriam as terras ao ful da velha capital da provincia callaica ao sul de *Bracara*, a Braga de hoje, cujos arcebispos ainda no século XVII se attribuiam o titulo de *Prima das Hespanhas* em competencia com os arcebispos de Tarragona e de Toledo (2). Um mappa adicional do *Conventus Bracaraugustanus* inferto no vol. II do *Corpus inscriptionum latinarum* indica os nomes d'essas numerosas povoações onde foram achadas as inscrições latinas incluidas no dito volume. São muito mais numerosas porém aquellas povoações em que se encontraram vestigios romanos ou celticos, mas das quaes não ha, por emquanto, monumentos epigraphicos achados *in loco*, e essas povoações faltam naturalmente no mappa citado.

A estas ultimas pertence uma que desde o século XVI atrahiu, já em virtude da singular configuração local, já em virtude dos seus monumentos, a attenção dos poucos habitantes do paiz que entenderam dever dedicar mais ou menos attenção ás antiguidades patrias. Já no trabalho diffuso e cheio de noticias apocryphas de Fr. Bernardo de Brito (3) se allude ao sitio. Gaspar Estação (4) falla tambem d'elle. As primeiras no-

(1) Data da mesma epoca o desenvolvimento da industria das fêdas na mesma região (foral de Ervededo, 1239). N. do trad.

(2) Os arcebispos de Braga ainda não renunciaram ao titulo em questão. N. do trad.

(3) *Monarquia lusitana*. Lisboa, 1597 e 1609 in fol.

(4) *Varias antiguidades de Portugal*. Lisboa, 1625 4.º

ticias mais exactas apparecem sómente tarde, na primeira metade do seculo XVIII com o renascimento dos estudos historicos (1) quando o imperio luzo-brazileiro attingiu um segundo ponto culminante debaixo da direcção politica do grande Marquez de Pombal, cuja influencia se fez sentir n'este ramo de estudos, como nos demais.

Essas noticias pertencem a varios autores e estão ainda em parte conservadas nos *ms.* originaes (2). Restringindo-nos á questão que temos de examinar, citaremos os manuscritos de Luiz Alvarez de Figueiredo, Bispo de Uranopolis *i. p.* e depois (1725) Arcebispo da Bahia. Estes manuscritos acham-se na Bibliotheca Nacional de Lisboa (A. 1, 25. 26.) e versam sobre noticias do Arcebispado de Braga. Não posso porém affiançar com certeza que os *ms.* estejam completos na parte que encerra as noticias que interessam a nossa questão especial. O que é certo é ter o academico Jeronymo Contador de Argote lançado mão d'essas noticias de Figueiredo (alem do que colheu por várias outras partes) para compilar os seus volumes que, apesar de escriptos com prolixidade e sem critica são, em face da penuria geral de noticias archeologicas, de um valor inestimavel.

Elle proprio confessou o emprestimo que fez; a sua relação appareceu, segundo o costume do autor, em duas obras e em duas versões, uma portugueza e outra portugueza e latina, que concordam na parte essencial. É preferivel porém recorrer á relação mais antiga e mais exacta das *Memorias* (3);

(1) O snr. Prof. Hübner expoz as origens e historia d'este movimento á frente das *Noticias archeologicas de Portugal* (ed. da Academia). Nota do trad.

(2) *Op. cit.* p. 4.

(3) *Memorias para a historia ecclesiastica do arcebispado de Braga*. Lisboa, vol. II, 1734, mas escriptas em 1724, pag. 383 e seguintes.

a que foi incluída nas *Antiquitates conventus Bracaraugustani* (1) é mais moderna.

Paffaram dous séculos e meio sem que ninguém cuidasse de examinar mais cuidadosamente a tal localidade; porém alguns annos ha, que o actual possuidor do terreno, proprietario abastado, lhe dedicou séria attenção, procedendo a escavações e remoções de entulhos. N'estes ultimos tempos tem os jornaes portuguezes repetido em echo o nome d'esse jazigo de ruinas, cuja memoria se perdera; os jornalistas acodem á chamada com *aperçus e estudos* antiquario — prehistoricos e linguistico—ethnologicos sobre os quaes os meus amigos portuguezes chamaram a minha attenção. Não tenho presentes esses productos dos diarios jornalísticos e parece-me poder prescindir d'elles. Restam-me apenas os artigos do snr. Luciano Cordeiro (2) seguidos um pouco mais tarde de uma serie de gravuras em madeira executadas com muito cuidado pelas photographias originaes (3). Consta-me tambem haver-se formado uma *Sociedade archeologica* especial, que tem o nome do actual proprietario da localidade, e que se propõe continuar as escavações e publicar um trabalho extenso sobre as descobertas já feitas. Não me é possível dizer em que estado vaee esta obra (4).

O que se conclue das descobertas feitas até hoje (5) é o seguinte:

Entre Braga e a pittoresca cidade de Guimarães, a 3 kil.

(1) Apareceu primeiro (1728) no vol. VIII da *Academia Real da Historia* e depois (1738) á parte, com um quinto livro a mais. Veja-se a ed. de 1728, pag. 161 e seguintes.

É provavel que haja mais noticias no grande *Diccionario geographico* (43 vol. in fól. na Torre do Tombo) que se compõe de noticias colligidas pelos habitantes das localidades para ufo da Academia. Não tirei d'isso apontamento.

(2) Vide os artigos no jornal hespanhol *La Academia*, 1877, 1—328, 362, 388 com a epigraphe *Uma Cidade ibérica*.

(3) Idem, 11—56 a 57.

(4) Nada se publicou até hoje, fim de agosto de 1878. Vide a Introd. Nota do trad.

(5) Isto é, março de 1878.

do pequeno logar thermal chamado Caldas das Taipas (1) está situado o monte de S. Romão de Briteiros, que o vulgo aponta desde remotas éras como o jazigo de uma cidade perdida.

O nome do monte já é designado em Brito por *Citania*. E' difficil decidir se o nome Citania (2) tem origem popular primitiva ou nasceu de alguma reminiscencia erudita. Pertence aos fabios nacionaes averiguar se tal nome se acha em documentos ou registos (*Flurbücher*=cadastrros) anteriores ao seculo xvi. Só em meado d'este seculo é que começa em Portugal o interesse pelo estudo das antiguidades, como o provei miudamente na introduccão litteraria que está á frente das *Inscrições da Lusitania* (3). Se fôr possivel provar a existencia do nome Citania em documentos ou apontamentos historicos do seculo xv ou de seculos anteriores, então ter-se-ha ganhado muito terreno a favor da ideia tradicional. Assim como do velho nome da *civitas* dos *Igæditani* nasce a fórma medieval *Igeditania* e a moderna *Idanha*, do mesmo modo poderia *Citania* fer um nome antigo ligeiramente modificado.

Na collecção historica das Sentenças de Valerio Maximo (vi. 4 ext. 1.) acha-le (colhido talvez de Livio) o seguinte testemunho de indefeza coragem de uma communa lusitânica: «cum ei se tota pæne Lusitania dedidisset ac sola gentis eius urbs *Cinginnia* pertinaciter arma retineret, temptata redemptione prope modum uno ore legatis Bruti respondit: ferrum sibi a maioribus quo urbem tuerentur, non aurum, quo libertatem ab imperatore avaro emerent, relictum.»

O nome *Cinginnia* apparece nos mais antigos e melhores

(1) Falta no pequeno mappa do vol. II do *Corpus* onde se acha porém o outro logar thermal proximo: Caldas de Vizella.

(2) O nome do santo: *São Romão* não parece ter relação alguma com as ruinas romanas do logar.

(3) E em refumo na introduccão (já citada) das *Noticias archeologicas*, e mais adiante p. 71 e seg.

manuscriptos de Valerio Maximo e affim o leu já o velho epitomator do mesmo, Julio Paris; por isso conservaram Kempf e Halm, ultimos editores de Valerio Maximo, no texto essa fórma de um nome que não apparece, de resto, em parte alguma. Antigamente lia-se *Cinnania*; os manuscriptos de menor valor trazem *cinrania*, *cirania*, *cinninia*; um d'elles do fim do seculo xv, escripto em Italia e existente em Wolfenbüttel, traz *Cytania*. Este nome já foi posto em conexão com o jazigo de ruinas perto das Caldas das Taipas pelos sabios portuguezes do sec. xvi; talvez que a variante *Cytania* deva já a sua origem a uma interpolação erudita.

N'aquella epoca eram frequentes as relações de sabios portuguezes com humanistas italianos em Roma e n'outras cidades da Italia. Isto escusa de prova; lembrarei apenas Achilles Estaço (1).

O nome da cidade lusitânica que se oppoz com tanto arrojio (618 da era de Roma, 136 a. Chr.) aos embaixadores de Decimus Brutus, vencedor dos gallaicos, não se pôde fixar com segurança. *Cinginnia* não pôde ser exacto comquanto Kempf lembre certos nomes ibericos talvez de raiz egual, como o rio *Cinga* na *Tarraconensis* e o nome celtico *Cingetorix*. Menos improvavel seria *Cingitania*; o suffixo *it-anus* apparece frequentes vezes em Hespanha (2). Seja como fôr, a relação

(1) Sobre a vida d'esse fabio illustre v. Barbofa, *Bibl. lusit.* vol. I, pag. 4-10. e vol. IV, pag. 1.

Estando a historia da *Renascença portugueza* e das suas relações com a historia geral do Renascimento ainda em branco não será ocioso lembrar ao leitor portuguez mais um nome, o de Damião de Goes, cujas cartas latinas (Lovania, 1544 rarissimo) revelam intimas relações com tudo quanto havia de illustre em Italia, França, Allemanha e nos paizes de Flandres, incluindo o proprio Lutherio, Melancton etc. Essas rarissimas cartas estão prestes a sahir á luz em nova edição critica e augmentada. Nota do trad.

(2) Dei provas d'isso nos exemplos que reuni n'um artigo sobre a formação dos nomes proprios romanos; v. *Ephemeris epigraphica*. Berlin, 1875. 8.º II, p. 35.

d'essa cidade lusitânica com o nome *Citania* faz-me duvidar fortemente da antiguidade d'este ultimo. É possível que elle nascesse de uma chrisma erudita, destinada a perpetuar a gloria do heroísmo tão gabado pelo historiador romano, no logar citado. Em todo o caso as descobertas feitas no logar não provam que da communa lusitânica subjugada nascesse uma romana, sem solução de continuidade.

Antes de passar revista ás descobertas devo dizer que a primeira condição e indispensavel para a orientação do estado actual das descobertas, isto é, um plano da situação ao qual se houvesse de referir a descrição local, não foi ainda fati-feita, que eu saiba. O snr. Francisco Martins Sarmiento, dono do terreno, prestaria um serviço ainda mais valioso do que aquelles que o paiz já lhe deve e que são grandes (assim o reconheceu a *Real Associação dos architectos e archeologos portuguezes*, votando-lhe uma medalha d'honra) juntando ao seu futuro trabalho archeologico sobre *Citania* um plano em escala regular. Seria o meio mais efficaz para lançar toda a luz sobre essa região tão interessante da sua patria.

O que se achou no seculo xvi e refuscita hoje com uma physiognomia mais accentuada é o seguinte. Limitando-nos á descrição, algum tanto superficial do snr. Luciano Cordeiro, eis o que se póde resumir de positivo:

Tres muralhas e outros tantos fossos concentricos corôam a parte superior do *plateau* da collina em que se avista a ermida de S. Romão. Fóra das muralhas ficaram existindo tres penedos do genero chamado *Dolmen*, levantados alli por mão humana. O povo chama-lhes o *Penedo da Moura*. E' geralmente sabido que romanos e mouros partilham, segundo a opinião do vulgo, a gloria da fundação das povoações mais antigas da península. Os ornatos abertos na rocha e que são parecidos, em estylo, com outros achados em logares aonde houve cultura pre-romana, accusam a mão do homem.

Apenas duas construcções se conservam em pé no pro-

prio lugar, duas torres ou habitações (*Hütten*) (1) circulares, antigamente abertas, mas cobertas recentemente com tectos de madeira e palha e guarnecidas com portas, graças aos cuidados do snr. Martins Sarmiento. Faltam porém as dimensões exactas d'estes restos architectonicos; a julgar pelas gravuras, aparentemente muito fieis e características da *Academia* (Fig. 1 e 2 executadas por photographias originaes) calculo a altura da primeira habitação em 3-4 metros, afora a do tecto moderno, e o diametro em 6-7; a segunda parece-me ser um pouco mais pequena.

Estas construcções são feitas com bastante cuidado de *blocos* (2) de granito desegualmente talhados; a pedra é bastante granulosa e pouco dura.

A primeira habitação parece assentar na rocha viva; a segunda tem uma substrucção singular, com caracter mais antigo, composta de grandes blocos cyclopicos que fórman o resguardo na vertente do monte. As habitações dos celtas eram redondas (*σολοειδέις*) segundo a passagem conhecida de Strabão (iv. 3. p. 197). A construcção massiça formada de grandes pedras leva a presumir facilmente que eram moradas privilegiadas; o material mais folido, a sua construcção mais segura permitiu que ellas chegassem até nossos dias, tendo desaparecido a maioria das outras habitações, sem duvida inferiores. Em França encontram-se, aqui e acolá, nos antigos logares celticos descobertos, restos d'essas habitações redondas.

Parece que nada ficou de pé na area occupada pela povoação celtica afora estas duas moradas.

Até principios do seculo passado via-se alli uma enorme pedra profusamente ornamentada, conhecida pelo nome de

(1) O snr. Prof. Hübner serve-se sempre da palavra *Hütte* (choupana) negando adiante o direito de se lhe applicar o nome de casa. Nota do trad.

(2) Oufámos nacionalisar a palavra, á falta de outra melhor. N. do trad.

pedra formosa (Fig. 5). Então foi transportada para o convento proximo de São Estevão de Briteiros e ultimamente reconduzida pelo snr. Martins Sarmiento d'alli para o antigo local. Vinte e quatro juntas de bois foram necessarias para pôr a pedra, que mede 2 metros e meio de altura fobre 3 e meio de largura e meio metro de grossura, em movimento.

E' difficil dar uma descripção clara da ornamentação da pedra (1).

O todo pôde dizer-se um femi-circulo imperfeito; o arco marca o remate architectonico da peça que estava talvez posta fobre a entrada de um edificio ou serviu em qualquer outro modo na parte ornamental do mesmo. No meio da parte inferior da superficie vê-se uma pequena abertura femi-circular; á direita e á esquerda da mesma dois pares de rosetas de cada lado, formadas por duas fitas enlaçadas em fôrma de *H* manuscrito maiusculo. Logo acima da dita abertura rente á volta do arco do femi-circulo é cortada a pedra em todo o comprimento por tres cordas que formam como que a base de um frontão dividido ao meio por duas cordas perpendiculares e rematado por outras duas que formam as empenas do frontão e o fecham em angulo obtuso. O vertice do angulo remata por um pequeno circulo de duas cordas cujo centro é vafado. O espelho ou tympano (se é licito usar d'esta expressão) é occupado por um desenho em xadrez (quadrados ponteados no centro) que termina dos dois lados por um outro desenho de linhas combinadas em estrellas e rosetas. Outros ornatos (linhas curvas e fitas) cujo desenho se parece com o de dous *S* virados em sentido opposto correm na parte superior da pedra por

(1) A do snr. J. P. N. da Silva no *Boletim da Real Associação dos architectos e archeologos portuguezes*. Lisboa, 1876, ferie II N.º 9 p. 136 não ajuda muito a intelligencia do assumpto. O desenho da pedra feito pelo snr. Cefario Augusto Pinto (est. n.º 15) que deve andar junto ao numero do Boletim falta no exemplar da Bibliotheca Real de Berlim.

cima das cordas que formam as empenas do frontão, fazendo o effeito de *acroterios*.

E' fabido que a ornamentação linear d'este mesmo estylo se encontra, imperfeitamente executada, em toda a parte entre povos dotados apenas de uma civilização nascente, p. ex. na pintura de vasos a mais antiga, na industria textil dos povos mais variados, sobre utensilios de metal, armas etc.; finalmente, até os povos quasi selvagens do novo mundo conhecem effes ornatos circulares ou lineares e fazem d'elles uso em identicos objectos.

É impossivel tirar d'ahi conclusões seguras sobre a idade do trabalho, mas o que póde illucidar-nos é a disposição dos ornatos em forma de frontão, concepção esta que talvez tenha por origem a influencia da architectura greco-romana.

Ainda temos a examinar uma serie de pedras soltas de maior ou menor ornamentação primitiva e semelhanete (Fig. 6—15 da Academia, muito bem gravadas). A maior parte accusa um trabalho artistico na verdade archaico; uma pedra (fig. 7) mostra duas rosetas formadas de segmentos de circulo (1) como as que se encontram na architectura das egrejas asturianas dos seculos VII e VIII e mais tarde ainda na architectura gothica, franceza e allemã do seculo XIII.

É desnecessario analysal-as a miudo; uma porém (Fig. 14) merece attenção especial porque, além dos ornatos lineares já descritos, contém do lado direito da superficie signaes que se parecem exactamente com as letras latinas CAA. Confesso, que fiquei perplexo diante d'estes signaes. Ter-se-hia alguem divertido com a singular ideia de perpetuar n'uma das

(1) O snr. Amador de los Rios chamou a este estylo *arte latino-byzantino*; v. o seu estudo: *El arte latino-byzantino y las coronas visigodas de Guarrazar*. Nas *Memorias* da Real Academia de S. Fernando. Madrid, 1861. 4.^o Nas est. 3. pag. 3; est. 6. pag. 2. d'esta dissertação encontram-se motivos identicos. Tem-se descoberto mais alguns especimens do mesmo estylo que são conhecidos, por emquanto, só pela photographia.

pedras da localidade o nome da povoação, o nome da cidade celtica *C(it)a(ni)a* n'uma abbreviatura defusada e um tanto obfcura? N'este ponto todo o cuidado é pouco, e fenão, tenha-se em vista o que succedeu ainda recentemente com as descobertas do *Cerro de los Santos* (1) perto de Yecla (Murcia). Entretanto parece-me que no caso presente não ha motivo para desconfianças; o mesmo nome de *Camalus* acha-se tambem em outras inscrições descobertas mais tarde (2). Ha ainda uma outra pedra com inscrição que defasia o exame (Fig. 17); é quadrilonga, de fórma vulgar; na frente veem-se tres linhas de caracteres estendidos do modo sabido, da esquerda para a direita. Não ha duvida que são letras, mas de que éra? E' possivel que da capella de S. Romão, ou de qualquer localidade proxima se extraviasse para Citania alguma pedra tumular ou miliaria ou coufa semelhante, ficando misturada com as antiguidades celticas. Confesso que não confeguei ir mais longe na decifração do que aquelles que até hoje a teem tentado. O aspecto da letra não denuncia grande idade, alguns poucos seculos, quando muito; eu leio o quer que seja de *boltruan de Dozo* (ou *Pozo*). Os peritos dirão se é possivel que isto seja um nome (3).

Os testemunhos epigraphicos não nos dizem pois nada (4)

(1) Juan de Dios de la Rada y Delgado. *Antigüedades del Cerro de los Santos en termino de Montealegre*. Madrid, 1875. 8.º e no *Museo español de antigüedades*.—1875, vol.vi pag. 251 e seg. Confira-se com a minha analyse na *Jenaer Litteraturzeitung* 1876, p. 217 e seg.

(2) Em virtude do artigo do sr. Martins Sarmiento inserto na *Renascença*. Porto, 1878 p. 25: *Signaes gravados em rocha*, convenci-me que a pedra representa uma verdadeira inscrição e não um motivo qualquer de ornamentação, como ao principio cuidei.

(3) Podia occorrer o nome *Beltrão* se a sua feição moderna (*ão*) não fosse tão evidente.

Eu creio tambem, a julgar pela gravura, que a inscrição é relativamente moderna e nada tem que ver, nem com celtas, nem mesmo com romanos. Nota do trad.

(4) Vide a nota 23.

Resta-nos uma terceira especie de monumentos de Citania, representada nas recentes descobertas por tres objectos, pelo que vejo.

1.º) Um relevo (Fig. 3; faltam as dimensões, como sempre) toscamente lavrado, de forma irregular; a pedra, bastante granulosa, mostra-se corroida pelo tempo e apresenta as figuras em cortornos mal distinctos. São duas figuras humanas em perfil, marchando da esquerda para a direita. E' impossivel distinguir se estão nús ou vestidas, se são masculinas ou femininas; nem sequer se conhece n'ellas as feições. A primeira, á direita, que é a mais pequena, está curvada para diante e parece segurar um instrumento do feitio de um mazzo com ambos os braços. A da esquerda, maior, parece perseguil-a victoriosamente; os seus braços estendidos (e talvez armados) tocam a figura menor na cabeça e nas costas. Parece mostrar-nos a luçta e fuga do inimigo. Eis tudo quanto se póde dizer d'este relevo.

2.º) Uma estatua (Fig. 4). A julgar pela gravura é coufa ainda muito mais informe do que as figuras do relevo. Não vejo nem braços nem pernas, nem signal de traje e muito menos um attributo qualquer. A cabeça é informe, desproporcional, quasi uma caveira, sem o queixo inferior. Dizem ser figura feminina.

3.º) Uma cabeça (Figura 16) talvez de uma estatua, com uma especie de diadema e com veu, sem barba, talvez feminina. As dimensões são mui pequenas. O auctor do texto da *Academia* descobre na cabeça o *typo oriental*; confesso que a gravura não me dá motivo para ir tão longe. A execução é boa, relativamente, e em todo o caso superior á das outras obras plasticas.

Uma observação final:

As estatuas de guerreiros callaicos em Lisboa e Viana (1) não são muito superiores ás esculpturas de Citania.

(1) *Noticias archeologicas de Portugal* p. 103. e seg.

Não vejo motivo por que se ha de negar o direito de um parallelo entre estas e aquellas; por que se ha de duvidar que umas e outras pertençam a uma civilização ou semi-civilização parecida.

Eis, pelo que pude saber, o resultado das escavações de Citania até hoje. Longe de mim a ideia de menosprezar o resultado d'ellas. E' sempre precioso todo e qualquer subsidio, ainda o mais modesto, tendente a esclarecer o passado historico; nunca se pode prever em que sentido elle poderá servir um dia para a concatenação de uma ideia. O que não se justifica é a construcção de hypothefes scientificas sobre a observação, por assim dizer casual, de um objecto achado. Todas as sciencias, antes de ensinar, tiveram de aprender. A sciencia dos monumentos constitue a verdadeira aprendizagem, assim como a colleccionação e observação dos factos constitue as disciplinas historicas e litterarias. O povo que deixou em Citania vestigios da sua existencia deixou por certo mais signaes em outros logares da mesma região. Só por meio da comparação dos restos parecidos da antiguidade é que será possível rasgar horifontes sufficientemente vastos e abrir um campo fecundo á exploração. A observação local, ifolada, conduz a exageros patrioticos, ao patriotismo de campanario, n'uma palavra á cegueira parcial do espirito.

No entanto, o merecimento de homens de animo patriotico, como o sr. Martins Sarmiento, que tomam um ponto especial para objecto de seus estudos será duradouro. Para o paiz natal, porém, é necessario que appareçam mais homens, mais investigadores e só então, com o trabalho simultaneo, apparecerão resultados que se possam ligar logicamente.

Lembrarei uma localidade que parece ter certa afinidade com a Citania; haverá por certo outros logares que estarão no mesmo caso. E' o planalto pedregoso de Panoias perto de Aldea do Assento e Honra de Gallegos na freguezia de S. Pedro de Valnogueiras, termo de Villa Real, cujas inscripções,

legadas pela tradição n'um estado muito duvidoso, coordenei em outro lugar (1). No anno de 1720 escreveu Antonio Gonçalves de Aguiar, Parocho de Valnogueiras uma relação minuciosa d'este antigo e curioso jazigo de uma civilização extincta. Argote (2) e todos os mais beberam n'esta fonte. De então para cá ninguem (3) mais visitou a localidade para nos dar noticia exacta e fidedigna da sua forte. Parece-me que valia bem a pena que uma das associações archeologicas constituídas em Portugal organisasse uma expedição scientifica áquelles sitios e publicasse os resultados de um modo condigno. Por enquanto pedimos e instamos para que se faça isto com relação a *Citania*. Digne-se o Snr. Martins Sarmiento apresentar muito brevemente a sua monographia ao mundo scientifico acompanhada com os competentes planos topographicos e illustrações e terá posto a corôa á obra a que dedica as suas forças: a reconstituição das antiguidades patrias.

Berlim, Março de 1878.

Á bondade de um amigo devo a communicação de uma serie muito interessante de photographias, tiradas dos monumentos ultimamente descobertos na *Citania*, e a elle cedidas pelos snrs. dr. M. Sarmiento e M. M. Rodrigues, aos quaes ficamos sinceramente reconhecidos por tão importante favor; tambem vi pouco antes d'esta remessa mais tres trabalhos nacionaes sobre Citania que me eram desconhecidos. O primeiro é a prelecção feita pelo snr. Luciano Cordeiro peran-

(1) *Corpus*. Vol. II, n.º 2395.

(2) *Memorias eccles.* n.º 2395.

(3) O inglez Kingston (*Lusitanian Sketches*) que esteve alli em 1845 era um *touriste* superficial.

te a *Sociedade geographica de Lisboa* (1), a proposito da sua visita a Citania. O fegundo é uma communicação anonyma (2) fobre a portaria do *Diario do Governo* (mandando louvar o fnr. Martins Sarmiento pelos feus efforcós a bem da sciencia) para o jornal o *Commercio do Porto* de 16 de Setembro de 1876, n.º 221.

O terceiro, que é do fnr. Manoel Maria Rodrigues e appareceu n'este mefmo jornal (*Commercio do Porto* de 12 de junho de 1877 n.ºs 187-191-198; e 215 216, 230, 235), dá conta da conferencia archeologica que se effectuou no proprio local, graças á generofidade do proprietario o Dr. Martins Sarmiento, fob a presidencia de um dos expedicionarios, o Marquez de Souza — Holstein, resumindo os resultados d'ella. Sei de um quarto trabalho, devido ao citado presidente (3) e publicado no *Jornal da Manhã*, mas não o pude ver. Falta-me ver tambem uma nota fobre o mefmo aflumpo (4) n'um trabalho do fnr. Joaquim de Vasconcellos.

(1) Sob o titulo: *Uma visita á Citania*, impressa em *Boletim da Sociedade Geographica de Lisboa*, n.º 2. Dezembro de 1877. Porto, 1878. 8.º pag. 86 e seg. É a reproducção litteral do que já publicára no *Commercio Portuguez* 1877 n.º 119 de 24 de Maio de 1877 e n.ºs 125, 129, 130, 132. O n.º 155 contém a conclusão que falta no *Boletim*.

(2) Creio que esta communicação é do fnr. Manoel Maria Rodrigues (Nota do trad.)

(3) O artigo do fnr. Marquez de Souza foi escripto muito antes da conferencia de Citania, quando os trabalhos de exploração estavam ainda atrasados; é o que se conclue de uma phrase do fnr. Luciano Cordeiro (Boletim pag. 41). O fnr. Marquez não podia por tanto chegar a resultados positivos. (Nota do trad.)

(4) A nota é a seguinte e refere-se a umas confissões do fnr. Teixeira de Aragão feitas officialmente no *Relatorio* dirigido ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Reino pela Comissão nomeada por decreto de 10 de Novembro de 1875 para propôr a Reforma do ensino artistico e organisação do serviço dos museus, monumentos, historicos e archeologia. Segunda Parte — *Actas e Communicações*. Lisboa, Imprensa Nacional. 1876, 8.º As confissões estão a pag. 12, 13, 28, 46, etc. Eis a nota:

«O fnr. T. de Aragão acha que em Portugal não ha nem archeologia, nem archeologos, nem elementos de ensino archeologico. A reunião magna em Citania parece defmentil-o; um collega de s. ex.ª na commis-

O trabalho official: o *Relatorio*, ainda não appareceu, temos de o repetir. O snr. Augusto Soromenho que se tinha incumbido de uma parte do mesmo, morreu infelizmente ha pouco tempo.

Dos trabalhos que apontei vou extractar o indispensavel para completar o que fica escripto.

Em primeiro lugar ficamos mais exactamente informados fobre a situação geographica da Citania do Monte de S. Romão de Briteiros, que é a 3 kil. das Caldas das Taipas, á esqúerda da estrada que vae á Povia de Lanhofo. A altura do monte de granito é de 336 metros; de um lado tem facil subida; do outro desce abruptamente. O nome Citania apparece em tres outras localidades do norte de Portugal com ruinas da mesma natureza, ex: a *Citania de S. Roriz* (S. Fins), *Citania do Monte de Saia*, e *Citania de Baião*. Isto é importante para a explicação do nome, todavia a relação d'ella com a palavra *civitas* e seus derivados romanicos, que occorreu a alguem é, a meu ver, impossivel, grammaticalmente (1). Nos

fão escrevêra comtudo que a dita reunião fôra, sem contestação, o primeiro certamen *scientifico* (sic) de semelhante natureza em Portugal, e que a discussão em casa do snr. Sarmiento estivera á *altura da sciencia* (sic). Não esqueçamos finalmente que, quem se sentou na cadeira presidencial em casa do iniciador e autor da exploração, foi o snr. marquez de Souza, o mesmo que o snr. Aragão reconheceu por presidente da commissão.

O leitor vae vendo que não é por certo a critica que abala a authoridade dos chefes; são os proprios partidarios da *Reforma*, que defauthorizam as authoridades officiaes; o snr. Nepomuceno pondo em pessima luz as Academias, e o snr. Aragão dizendo aos archeologos, membros da commissão, que elles não merecem tal nome.»

Emfim, o *Relatorio* da Expedição a Citania, dará razão a quem a tiver; em Maio dizia-se proxima a sua publicação; ficamos esperando. *A Reforma do Ensino de Bellas-Artes* (Analyse da Segunda Parte do Relatorio official) por J. de V. Porto, 1878 pag. 19, nota 4.

Isto escrevia-se em Junho; estamos em Setembro e continuamos esperando...

(1) Somos da mesma opinião; ainda mesmo que nos podessem apontar n'algum texto da baixa latinidade em lugar de *civitas civitatis* a fórma irregular *Civitania*, resultante da troca do suffixo, o nome portuguez popular nascido d'esta feria *Ciudanha* ou *Cidanha* e não *Citania*, (cf.

documentos da diocese de Braga apparece um Monte *Citanio* e no codice de Lugo do Rei Theodomiro (cuja autoridade não conheço) um *Gitanio*. Será tão impossivel bafear explicações etymologicas n'estes factos, como em certas analogias celticas. A repetição dos mesmos nomes geographicos ou de nomes muito parecidos é facto observado em toda a parte e que na península tem uma explicação natural nas frequentes emigrações de tantos povos que n'ella habitaram.

No caminho que conduz ao alto do monte, onde se acha a pequena ermida de S. Romão, apparecem vestigios de uma estrada primitiva, revestida de filhares quadrados em lugar de blocos polygonicos, como nas estradas romanas. É porém arriscado concluir d'ahi fobre a origem celtica e não romana da estrada. É certo que os romanos se serviram de blocos polygonicos não aparelhados, e com preferencia dos maiores, para o revestimento das suas estradas (como eu mesmo observei nos restos de estradas romanas em varias partes da Extremadura hespanhola), mas nos logares onde não encontraram effes elementos não se furtaram por certo ao trabalho de aparelhar o granito affaz mole e esbroante das montanhas do Douro e Minho que se encontra alli em abundancia, como é notorio, e aparelharam-n'o para evitar o esbroamento das faces exteriores da pedra já atacadas pelo tempo.

Tres muralhas imponentes circulares fechavam o accello ao *plateau* do monte; o que hoje resta d'ellas são fragmentos, já se vê, dispersos aqui e acolá. São formados em parte de blocos collosaes («d'um aspecto megalithico»). Entre o segundo e terceiro circuito veem-se duas linhas de fossos; em certos sitios ha espaços abertos na direcção da via, o que faz presumir que foram os logares das antigas portas. Na via acham-

Idanha de Igeditania). Todas as palavras e principalmente todos os nomes proprios com a terminação *ania*, *tania*, não podem ser senão formações eruditas.

(D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos.)

fe tres *dolmens*; um d'elles já foi em tempo anterior ás excavações do fnr. Dr. Sarmiento objecto de investigações.

O maior, chamado *Penedo da Moura*, sustenta um bloco de 5 m. 29 a 3 m. 64 de circumferencia.

Ás excavações do fnr. Martins Sarmiento puzeram a descoberto no *plateau* umas 30 a 40 habitações, redondas em geral e algumas ellipticas; a sua altura é de 2 a 3 metros. O diametro é algumas vezes de 4 a 8 metros; a grossura das paredes o. 57,^m. algumas diminuem para cima em fórma de cône, em virtude da disposição reintrante das camadas de pedra. No interior notam-se signaes ifolados de cál e em uma d'ellas corre em redor da parede um banco. Tres das photographias, que tenho á vista, representam umas vistas muito nitidas d'estas habitações primitivas e summamente interessantes. Na parte exterior de uma outra existe uma pedra na qual se vê gravada em contornos uma figura de quádrupede com grandes orelhas. É possível que a parte superior das casas de pedra fosse feita de madeira e se achasse n'ella a porta que falta em todas. A base quadrangular feita de muros cyclopicos como se vê na habitação gravada na Academia (Fig. 2) conservou-se em bastantes habitações; pequenos becos e largos separavam as habitações umas das outras. Acharam-se ainda grandes pilares ou umbreirãs de um lavor bastante apurado, em parte com os buracos necessarios para as vigas de segurança, segundo parece. Tenho presente as photographias d'estes objectos, assim como as de um certo numero de *bases* de columnas que accusam um perfil greco-romano, e que fazem suppôr que os edificios a que pertenceram foram habitados durante grande espaço de tempo. Dentro das casas e fora d'ellas achou-se uma porção de restos ceramicos em geral de uma argila granulosa, coberta algumas vezes com ornatos lineares primitivos, provavelmente de fabrico nacional; alem d'isso telhas de differentes fórmas que se parecem com as romanas e fragmentos de louça mais pequena, e mais fina, que

parece importada. É sobre um d'estes fragmentos que se acha a cabeça gravada na *Academia* (Fig. 16); o caracter d'este objecto que contrasta notavelmente com o barbarismo de todos os outros trabalhos explica-se facilmente d'este modo.

Em bronze appareceram apenas alguns pregos, agulhas e varias espheras pequenas com ornatos lineares gravados.

O prestimo que teve a tão fallada *pedra formosa* (Fig. 5) deu logar a minuciosa discussão. Parece ser opinião geral que a pedra foi um ara de sacrificio; a face ornamentada estaria em posição horizontal; a abertura semi-circular n'um dos lados feria o logar do sacerdote. O snr. Martins Sarmiento deu-lhe a posição correspondente, de accordo com esta ideia. Não sei, nem no mundo antigo, nem no mundo celtico de aras de sacrificio d'este feitio, cobertas de ornatos abertos n'um relevo tão saliente; comtudo confessarei a minha ignorancia se alguém m'as souber apontar. No emtanto, notarei desde já que me custa a crer que uma civilização ainda mesmo primitiva produzisse obras d'essa ordem para o fim indicado; que o homem cobrisse de labores superficies menos vistas de um monumento, e sem utilidade manifesta; e embora o architecto, o snr. J. P. Narciso da Silva se engane, attribuindo todos esses ornatos affaz brincados mas affaz rudes á civilização romana, creio que, por outro lado, acertou, guiado por um instincto seguro, quando viu na obra a disposição do frontão greco-romano com a sua divisão caracteristica.

Um frontão porém não se põe ao comprido á moda de mesa ou de ara de sacrificio; levanta-se em pé e sustenta-se com pilares embora os mais toscos. Pela minha parte discordo da opinião geral. Os que dizem que a pedra não pode haver pertencido a um monumento funebre porque foi achada dentro do circuito murado tiram uma conclusão muito arriscada. As disposições legaes de uma civilização mais adiantada fizeram com que os tumulos fossem separados em toda a parte, pouco a pouco, da habitação dos vivos, porém os

povos dotados de uma civilização primitiva enterravam os seus mortos dentro das povoações ou perto d'ellas, a fim de os ter perto, até na morte. Não é pois impossível que a pedra fizesse parte da ornamentação de um monumento funebre colossal.

Em Citania descobriram-se dezefete tumulos que são porém de uma epoca muito posterior e que dizem terem pertencido aos eremitas da Capella de S. Romão.

A estatua Fig. 4 passa por ser de mulher por haver vestigio dos peitos — e foi classificada como idolo celtico.

Entre as obras de esculptura recentemente descobertas e photographadas ha tres cabeças de javali, uma bastante bem conservada, as outras duas maltratadas, e uma cabeça humana de trabalho o mais rude.

O singular relevo Fig. 3. deu logar a varias interpretações. Os primeiros commentadores em data gravitam dentro do circulo das ideias antigas; uns viram um satyro que persegue o amor munido de um archote. O snr. Luciano Cordeiro julgou descobrir no assumpto uma concepção mythologica do cyclo ariano que elle traduz do seguinte modo: o Deus *Sol* perseguido a Deusa *Lua*.

O snr. Manoel Maria Rodrigues julga ver, com mais razão, um simples epifodio de uma lucta; o perseguido tem, na sua opinião, o toucado celtico; o objecto que elle traz na mão pareceu-lhe ser uma arma qualquer. Este ultimo escriptor faz ainda notar, e com muita razão, que a ornamentação geometrica de linhas, circulos, espiraes etc. da *pedra formosa* e das outras pedras, e ainda os ornatos do mesmo estylo da ceramica de Citania se assemelha com os productos das ultimas epocas do celticismo. As cruces de pedra da Bretagne, do paiz de Galles, da Escocia, as miniaturas irlandezas offerecem, na verdade, mais de uma analogia evidente com o estylo de ornamentação de Citania.

Alem das interessantes notas publicadas pelo *Commercio*

do Porto a propósito da portaria do *Diario do Governo* ha ainda a communicacão de uma carta do fnr. Martins Sarmen-
to ao fnr. Manoel Maria Rodrigues feita no mesmo *Commer-
cio do Porto* a 25 de janeiro de 1878 (n.º 22). Esta carta for-
nece pormenores fobre os ultimos trabalhos (outubro de 1877).

Juntando todas estas notas dispersas vejo que são cinco salvo
erro) as moedas achadas em Citania susceptiveis de uma clas-
sificacão; todas celtibericas, segundo consta. Com isto querem
dizer, cuido eu, que são todas de cunhagem hespanhola.

Resta porém saber se são moedas das series celtibericas
no sentido restricto, i. é. com inscripcão iberica da *Tarraconensis*
(como as de Saguntum) ou das da Bætica (como as de Cas-
tulo) ou por ventura até da serie libio-phenicia (como as de
Oba) ou da serie lusitanico-meridional (como as de Salacia).
É o que falta verificar. Duas passam por ser do tempo de
Augusto e uma d'ellas foi lida. A sua filiacão liga-a a Turiafo
(Tarazona).

Alguns dos fragmentos ceramicos apresentam inscripcões,
e accusam as mesmas marcas conhecidas da ceramica romana.
AVC(tus) e CRISPINVS, que apparecem frequentemente
ainda em outras partes (1). Uma terceira marca que se acha
em varios fragmentos CAMAL ARG ou ARG CAMAL é
para mim, até hoje, inedita. Isto não prova comtudo que ella
seja peculiar e exclusiva de Citania. Ainda não temos p. ex.
para as Gallias e para a Germania collecções completas das
respectivas marcas e ainda mesmo que ellas existissem e que
a dita marca alli faltasse é possivel que o fabricante pertenc-
cesse a qualquer outra localidade da peninsula iberica; não era
forçofo assignar-lhe o logar de Citania e ainda menos forçofo
concluir pelo nome *Camalus*, que é com effeito celtico puro,

(1) W. Frœhner *Inscriptiones terræcoctæ vasorum*, Gœttingen,
1858. 8.º p. 10 n.º 215-217 e p. 35 n.º 868-871; H. Schuermanns *Si-
gles figulins*, Bruxelles, 1867. 8.º, *Annales de l'Académie d'Archéologie
de Belgique*, vol. xxiii p. 102. N.º 1760 e seg. cil. II 4970, 70-74. 156
c; cil. VII 1336, 373).

(como se vê no nome do Marte britannico *Camalus Camalodunum* e em outros) sobre a origem celtica do logar da descoberta. Parece-me, além d'isso, que esse nome não pôde ser posto em relação com a supposta inscrição da pedra já discutida (Fig. 14). (1)

O que se tem achado de mais interessante nas excavações, e que não tem sido annuciado até hoje, são duas pedras com inscrições; as photographias, que tenho á vista não deixam a menor duvida sobre a sua antiguidade. A pedra maior, de que resta só metade, tem do lado direito uns ornatos lineares e circulares muito semelhantes aos da *pedra formosa*; o letreiro diz em caracteres fortes e bem formados:

CORONERI | CAAL | DOMVS

É muito provavel que do lado esquerdo não falte mais que o ornato correspondente ao do lado direito. Se o texto está completo, como creio, o sentido é claro: *Coroneri Camali domus*, ou: casa de *Coronerus*, filho de *Camalus*. Eis um testemunho muito importante d'uma ornamentação de uma casa particular, exactamente segundo a supposição que eu fiz a proposito da applicação que a *pedra formosa* poderia ter tido. A existencia d'esta inscrição é para mim o facto mais importante, trazido á luz n'estas escavações. Não sabemos que as povoações antigas tinham o costume de designar as habitações particulares com titulos e inscrições, as quaes só usavam nos tempos modernos para indicar, nas estradas, o nome do possuidor. Não são porém raros os sepulchros que foram chamados *domus* ou *domus aeterna*, como sendo as habitações perpetuas dos difunctos. Pode ser, por isso, que a pedra de Coronero e mesmo a pedra formosa fizessem parte

(1) Vide o que se disse na nota segunda da pag. 11.

de sepulchros; é possível ainda que as habitações circulares, as choupanas, sejam um dia reconhecidas como taes.

A outra pedra é um cippo tosco; as duas linhas da inscrição correm em direcção obliqua, e dizem, pelo que posso decifrar:

CRONI | CAAI

É possível que uma terceira linha feguisse as duas, mas não posso lê-la. O texto deixa-nos em duvida se a pedra foi sepulchral ou tambem o signal de uma caza. O nome do difuncto (ou do possuidor da caza) é incompleto no principio; era talvez *Feromus* (*Adromus* e outros semelhantes acham-se na Galliza hespanhola.) O nome do pae é ainda o do *Camalus*, já conhecido. É natural que entre as familias nobres d'aquelles tempos existisse o mesmo uso que ainda vigora de juntar o appellido de familia.

As telhas com marcas figulinas não são menos interessantes. A mais completa diz:

AG CAA

Isto é: *Ag...* (ou *Aeg...*) *Camal*; provavelmente dous nomes. As duas seguintes são incompletas:

AA' | AA

Porem é provavel que sejam fragmentos da mesma marca. Ha tres outras que parecem designar o mesmo figulo:

AR AR AR

O que se traduz claramente *Arc*; nomes como *Arco*,

Argælus e semelhantes não são raros nas regiões celtas da península.

Vou concluir:

Os utensílios marcados e anonymos, assim como as moedas e os poucos objectos de bronze e vidro que foram achados nas escavações provam antes um facto muito natural i. e. que os habitantes do *oppidum* celtico se sujeitaram depois da conquista romana, mais ou menos, aos costumes e á civilização dos conquistadores.

Estas descobertas, já muito importantes em si, confirmam comtudo de um modo satisfactorio os resultados que se podem colher do exame d'estes curiosos restos na sua totalidade. Diante de nossos olhos surge pela primeira vez na península iberica um *oppidum* callaico, morada pobre e primitiva de um povo extremamente simples, levantada n'uma posição defensiva e esta ainda reforçada pela arte, com as suas habitações uniformes e sumamente primitivas (que mal se podem chamar casas) e os raros vestigios da invasão da civilização romana occorrida na éra de Augusto, invasão que marcou provavelmente ao mesmo tempo a hora fatal d'este logar e de outras pequenas antigas povoações. Em compensação os logares populosos transformados em fortalezas, e portos de commercio romanos, como *Bracara Augusta* (Braga) e *Tudo* (Tuy) sobre o Minius, as numerosas nascentes de aguas mineraes como *Aquæ Flaviæ* (Chaves) *Aquæ Querquernæ Celenæ* e outras muitas aproveitadas para estabelecimentos thermaes, com o tino e a intelligencia superior que caracteriza os colonizadores italianos, attingiam uma rapida florescencia.

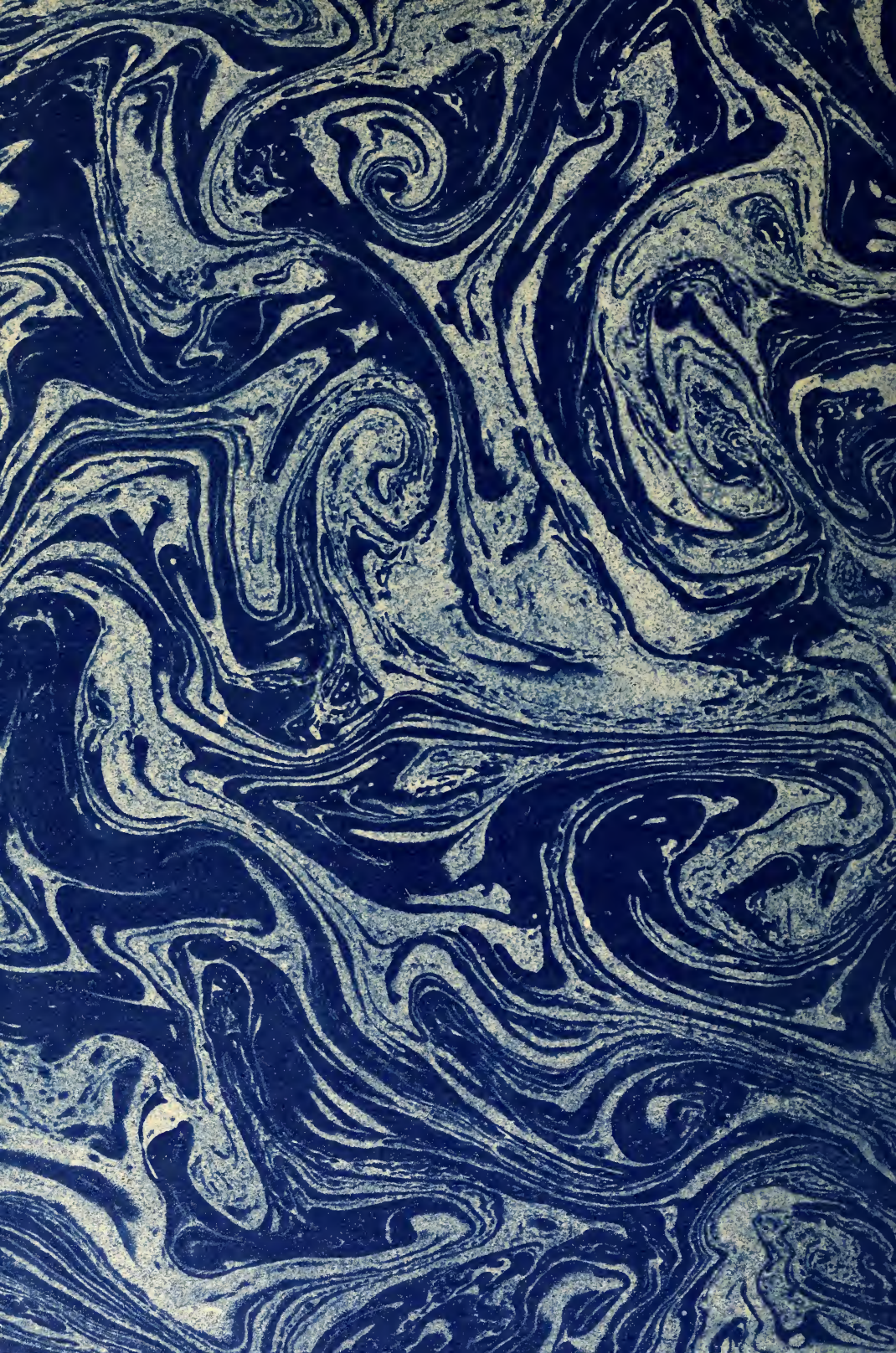
As ultimas escavações emprehendidas pelo snr. Martins Sarmiento não deram nada de novo, nem de notavel (V. a sua carta de Outubro de 1877 já citada); acharam-se novas habitações quadradas e redondas, sem portas, alguns poucos capiteis ou bases de columnas ou de pilares, telhas, pedras perforadas ou anneis de pedra e algumas pedras com os de-

fenhos geometricos já conhecidos; tambem appareceram mais alguns ornatos abertos na pedra (p. ex. a cabeça de um javali); e n'um segundo jazigo de ruinas em Sabroso perto de Citania, onde o snr. Sarmiento fez recentes escavações, achou o explorador um segundo *vicus* semelhante ao primeiro, com os mesmos muros e as mesmas habitações, alguns objectos de bronze (pulzeira, broche, agulha) e alguns fragmentos ceramicos de uma fórma algum tanto differente. Estes resultados são comtudo de muito interesse e de bastante importancia, como já disse. Concluimos, insistindo no pedido já feito, que o snr. Sarmiento publique o resultado das suas descobertas n'um trabalho amplamente illustrado (à la Schliemann e em francez, sendo possivel) para assim nos dar uma ideia exacta de Citania, pois nem todos os que estão longe podem ir visitá-lo, utilisar a hospitalidade proverbial que dispensa em sua casa e agradece-la em nome da sciencia. Uma publicação, como a que aponte, ganharia muito em ser parca de discussões ethnographicas e mythologicas; deveria fazer apenas uma exposição clara das descobertas, e dar uma descripção exacta dos objectos achados. A parte illustrativa deveria fornecer não só abundante copia de gravuras, mas tambem um plano topographico e algumas vistas da localidade reproduzidas das photographias originaes. Uma publicação d'esta ordem encontraria o mesmo applauso e o mesmo interesse no velho e no novo mundo; faria, em summa, a maior honra a Portugal.

Berlim, Abril de 1878.







GETTY CENTER LIBRARY



3 3125 00014 0471

